SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*). — Neve-artificial. — Instrucção-publica (*Continuação.*). — Producção e consummo de cereaes no districto de Lisboa em 1844. (*Conclusão*). — PARTE-LITTERARIA: Necessidade de uma historia da litteratura portugueza. — Uma viagem de dois annos (Capitulo VI). — Statistica dramatica. — Bibliographia. — Ode (Poesia). — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

ECONOMIA-POLITICA. *

XI

971 — 234 Ja vimos que o rendimento das terras é a differença entre o preço natural e o preço corrente dos productos agricolas. Com as terras devemos a confundir os capitaes que n'ellas se hajam fixado, na fórma de nivelamentos, excavações, vallados, poços, plantações etc. etc. e que as teem melhorado e feito mais productivas. Bem se percebe, á vista d'isto, que o proprietario d'estas terras deve tirar do rendimento d'ellas o juro do capital empregado, segundo esse juro estiver, e ainda uma parte para amortização do capital, feita a qual bem se ve que todo o rendimento se reduz a mero ganho das suas terras.

235 O rendimento do proprietario differe essencialmente das retribuições que se pagam ao operario pelo seu trabalho, ou ao imprehendedor pelo interesse dos avanços por elle feitos; porque este e aquellas são indemnisações, quer do trabalho que se teve, quer da privação ou risco do capital adiantado; mas o rendimento do proprietario é recebido por este gratuitamente e em virtude de uma supposição da lei, que reconhece e mantem o direito de propriedade.

236 Quanto mais a sociedade augmenta em população e riqueza, mais pedidos são os productos da terra, e numerosos os equivalentes para se lhes offerecer em troca; por consequencia mais augmenta o rendimento do proprietario em quantidade e valor. Porque assim como todo o objecto util ao homem é pago tanto mais caro quanto mais pedido é e menos offerecido, o instrumento-terra será tanto mais pedido quanto mais populoso e productivo for o paiz em que esteja situado.

237 O estudo e a fertilidade das terras é que determinam, dentro do mesmo paiz, a quantidade de serviços que ellas podem prestar. Circumstancias particulares fazem certos terrenos proprios para certas producções, é verdade; mas é por acaso que o rendimento póde augmentar derepente e de um modo natural, como v. g. pela descuberta de um bolhão, de uma mina, ou por coisas accidentaes que augmentem o valor da terra.

238 Como a terra é limitada, resulta que a offerta das terras acabará forçosamente antes de haver acabado o pedido. Parece porém que ésta offerta não é limitada porque existem ainda muitas terras incultas no globo; no emtanto, considerando que a distancia dos fundos, ou o seu difficil accesso, augmentam as despezas de cultura, como equivalentes da esterilidade, e que então esses fundos não poderão entrar em concurrencia com os outros, vê-se que ha terras que é como se as não houvesse, praticamente fallando.

239 D'este modo de ver o maior valor que adquirem certas localidades, e da theoria do rendimento, resulta que os proprietarios nada teem a reclamar da sociedade, quando, em circumstancias differentes, o monopolio desapparece, como muitas vezes succede. Por aqui se ve quanto é injusta a opposição dos lavradores á liberdade do commercio dos cereaes, allegando a sua perda particular contra os progressos da industria commercial e o beneficio geral.

240 A terra mais productiva não é so a mais fertil, mas tambem a que está mais em circumstancias de ter muitos e bons consummidores. A terra quasi nunca está de baldio senão por duas razões, ou porque é tam ingrata que o seu producto não deixa lucro nenhum, ou por falta de capitaes que a façam valer.

241 Quando o proprietario da terra não é o proprio que a trabalha, aluga-a, e tira d'ella um interesse a que se chama *renda*. O rendeiro deve tirar da terra que alugou, 1.° a retribuição de todos os trabalhadores, e os avanços por elle feitos para obter a producção, 2.° o interesse do capital de que se serviu para fazer os avanços necessarios, 3.° a renda que paga ao proprietario.

242 Se a terra alugada não dá para isto, o rendeiro naturalmente procura outra coisa em que melhor possa empregar o seu capital. O augmento da população faz subir o aluguer das terras acima da renda natural que ellas podem pagar, em razão da concurrencia de rendeiros e trabalhadores. A analyse economica nos traz pois sempre a este principio fundamental, que a população não poderia exceder os desinvolvimentos da industria sem arrastar fatalmente os privilegios de poucos e a desgraça de todos.

243 Outra coisa que produz excesso de rendas, é a elevação dos direitos das alfandegas, um imposto mal deitado, más providencias administrativas etc. Os habitos concorrem tambem para isto. Ha rendeiros que não teem ânimo de largar as terras que fazem, ainda que a sua renda seja excessiva.

244 Assim como o aluguer das terras é muitas vezes confundido com o *rendimento*, do mesmo modo se confunde o interesse da somma que se dispendeu na compra ou adquisição de uma terra. Esta confusão dá motivo a muitos inganos. Se o aluguer de uma terra que custou um conto de réis é de 60$000 réis, e o proprietario calcula por isso que o interesse do seu capital lhe sahe a 6 por cento, ingana-se; porque qualquer circumstancia póde alterar ésta renda para mais ou para menos, d'um momento para outro.

245 A terra é um instrumento *sui generis* que differe essencialmente dos capitaes; ésta dissimilhança porém não impede que os seus donos tenham grande analogia com os capitalistas. Quasi todos olham para um grande proprietario com veneração e tem em pouca conta n'um Estado os capitalistas, tam importantes realmente como aquelles; acham que aquelle alugando a sua propriedade por muito mais do que ella valle é um homem habil, e que os outros imprestando o seu dinheiro a grande juro, commettem uma acção má a que se tem horror. Isto é uma preoccupação. Tam usurario é um como outro, tam util um como outro.

* Continuado de pag. 351.

246 Consideremos agora a producção agricula. A maior parte dos productos agriculas não se podem obter senão por meio de consummos ou avanços. O productor procura pois, primeiro que tudo, embolsar, no resultado da producção total, o que dispendeu, avançou ou consummiu, para a obter: e senão póde adquirir mais do que valores eguaes aos valores consummidos, tera transformado as suas riquezas mas não augmentado. O producto liquido da terra é o que fica depois de pagos os avanços e seus juros, e as despezas ordinarias de trabalhos, rendas etc. Chama-se *bruto* o producto total.

247 D'esta definição resulta;

1.° Que o producto liquido póde ser nullo; e n'esse caso não ha, nem renda de proprietario, nem accrescimo de riqueza nacional, proveniente da terra.

2.° Que o producto bruto, quando não deixa producto liquido, póde não chegar para o reembolso dos avanços e seus juros; e n'esse caso não so ha perda para o imprehendedor mas tambem para a sociedade em geral.

248 O que se diz da terra intende se de todas as forças productivas; todas ellas podem dar producto liquido. Mas so a industria agricula póde dar producto liquido territorial, e producto liquido industrial, resultados do trabalho e do capital que se lhes applicou.

249 Não se deve confundir o producto liquido com a renda do proprietario. Estes dois resultados da producção agricula é verdade que tendem a confundir-se, assim como o preço natural com o preço corrente, em todas as industrias; mas não são identicas. A renda póde ser nulla ou quasi, ao mesmo tempo que o producto liquido póde ser muito importante; porque a renda é um interesse do proprietario so porque é proprietario. Suppunhamos um paiz novo, fertil, habitado por uma população que não faz concurrencia entre si, e que possue a intelligencia e capitaes sufficientes; suppunhamos tambem que as terras superabundam e estão á disposição dos lavradores; a renda do proprietario será nulla, porque não haverá a pagar direitos senhoriaes, e todavia o producto liquido da industria agricula deveria ser consideravel n'este paiz. Todos estes phenomenos economicos teem sido observados nos Estados Unidos da America. D'aqui se deprehende que a grande renda dos proprietarios em Inglaterra, não provém senão do effeito de um monopolio tyrannico por parte dos senhorios territoriaes.

250 Tambem não devemos confundir o producto liquido com o accrescimo das subsistencias que ficam depois do alimento da classe agricula. Póde acontecer que os lavradores vendam um excedente de trigo, e que todavia este trigo não produza quanto baste para compensar as despezas da cultura. N'este caso mais frequente do que se pensa, não ha evidentemente producto liquido.

251 O producto liquido, territorial ou industrial, é o unico que augmenta a riqueza social, riqueza indispensavel para que a prosperidade possa ir penetrando pouco a pouco em todas as classes da população.

252 Quando virmos que os homens de certo paiz porfiam em trabalhar uma terra ingrata, ou tractam um terreno fertil com amanhos muito dispendiosos, é porque esse paiz sahiu das vias naturaes da economia; é porque a sua população não está em harmonia com o capital e trabalho disponiveis, e não deixará de deitar para dentro do tonnel das Danaides senão quando entrar no caminho natural. Se, porém, para entrar n'este caminho é necessario alterar a proporção que existe entre o trabalho e o capital; se é necessario substituir os homens pelas machinas; fazer prados; despedir trabalhadores; será porventura a economia politica culpada d'estes tristes resultados? Ella não fez senão apontar o mal; era o seu dever.

253 Com o producto liquido, haja ou não haja embora renda, é que os lavradores compram aos outros homens os productos da industria, do commercio, das sciencias e das artes. Quanto menos homens houver empregados na cultura das subsistencias necessarias á população, mais irá em progresso a industria agricula. Que número consideravel de homens não suppriu a charrua! O seu inventor foi um dos maiores bemfeitores da especie humana.

(Continúa.)

NEVE ARTIFICIAL.

972 *Sr. Redactor* — Ha tempos vi lembrar em um artigo da REVISTA a necessidade que havia de importar neve, visto não supprirem o consummo ou ser cara a que produzem os depositos que d'ella temos em Portugal; mas como ésta falta se poderá talvez remediar com mais economia, temo a liberdade de communicar-lhe um annuncio, que apparece ultimamente em diversas folhas francezas e hispanholas, é o seguinte.

« *Machina Frigorica de Lahoche.* Com ésta preciosa invenção, por mais abrazador que seja o clima, podem fazer-se em menos de vinte minutos toda a qualidade de sorvetes, e fabricar-se neve pura, quanta se necessite. No deposito de Paris, Palais Royal n.° 170, onde se fazem tres experiencias publicas por semana, nas terças, quintas e sabados, ás tres horas da tarde, se achará tambem um folheto que explica o modo de fazer a neve, sorvetes etc. — A machina n.° 1 custa 120 francos, 1 bis 185, n.° 2, 175 francos, n.° 3, 260 francos; havendo-as de preços mais elevados para os conserveiros. «

Os Srs. Collares, artistas tam distinctos, poderiam, sem duvida, fabricar d'estas machinas se previamente mandassem vir algum modêlo de França, ou Inglaterra.

S. P.

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

973 Acabei o último n.° dizendo que as nossas calamidades provinham de ninguem querer intender que a sciencia social de hoje é nova. É mais do que verdade isto. O que eu tenho a dizer bem o prova, posto que os factos sôbre que me vou apoiar são ja velhos para os tempos que correm, em que a tincta ainda está fresca e ja o *musgo* a cobre.

O nosso descuido é na realidade grande. Não é este um reproche que se faça unicamente ao govêrno, deve-se fazer a todos; porque se o govêrno actua sôbre as massas, tambem estas pelas suas luzes e opiniões devem actuar sôbre o govêrno. Nos paizes constituidos popularmente como está o nosso actualmente, é das classes intermedias, que estão entre o apice e a base

* Continúa de pag. 340.

da sociedade, que partem como necessidades e não por capricho, as innovações e o progresso. É um erro procurar movimento no podêr. Este não é mais do que um regulador do movimento alheio. E senão apresente-se-nos o paiz constitucional onde os negocios públicos sigam uma marcha em contrario d'esta que indicâmos por mais civilizado que elle seja. A emancipação catholica da Irlanda deve-se aos particulares, a reforma parlamentar ingleza tambem, a abolição da escravatura, a reforma do correio, a reforma da tarifa das alfandegas, todas as grandes medidas emfim, é ás *cidades* que vão buscar a sua origem, vão buscar o seu primeiro vagido. E não podia deixar de ser assim. O govêrno não lhe cabe senão estatuir sôbre a vontade social depois de manifestada pela sociedade, e que essa manifestação se apresente clara e distincta; de outra sorte os seus embaraços seriam infinitos e não cessaria de estar a legislar para as fracções contra a unidade.

Muitas tem sido as increpações contra todas as administrações em Portugal desde que o Sr. D Pedro restaurou o throno da nossa augusta rainha. Não me cabe agora dizer se ellas são injustas, mas cingindo-me restrictamente á materia de que temos a tractar, a da população, — para della deduzir o plano de instrucção de que tenho offerecido em tantos n.os antecedentes, apontamentos, eu não posso deixar de reclamar indulgencia para o executivo, vendo por exemplo, que o primeiro corpo municipal, o da capital do reino, ainda não póde formular a sua estatistica mortuaria com precisão, passados seis annos (1) que a começou. Apresentando, por exemplo 1,858 individuos fallecidos sem designação do sexo: erro que sendo de 52 individuos em 1835 cessou em 1836, para em 1837 passar a ser de 140, em 1838, elevar-se a 532 ou a 7 em 100, em 1839 a 578 ou a perto de 10 em 100 e em 1840 ao mesmo termo. Além d'estas irregularidades, em todos os annos offerece este registro, disparates no numero dos mortos, que não cabem em lei alguma de mortalidade para paiz algum, salvo quando epidemias devastam a população. Dá ésta necrologia por fallecidos em 1836, a somma de 6.144 individuos, no anno immediato tem 7,495, passando em 1840 outra vez a ter 6.128. Estas interpolações que apresentam tanto como 22 em 100 de differença de mortos de um anno para o outro, não ha facto, não ha incidente algum que as legitime. O maior defeito que macúla este censo, é todavia a disparidade e alteração no fallecimento entre os dois sexos, dando em 1835 tanto como 51 mais de mortos ao sexo masculino em cada 100 do que ao sexo femenino; em 1836, 27; em 1837, 30; e passando em 1838, somente a 18, depois em 1839 a 9. Em 1840, ascende outra vez a 12. As anomalias dos primeiros quatro annos são taes, se ellas fossem verdadeiras, que não tardariam a fazer de Lisboa a capital das amazonas onde fabulou a antiguidade que não havia senão mulheres. Comparando-se este registro mortuario, com os que ha nos paizes que são cuidadosos nesta materia, que não dão mais de 1 ½ até 3 mortos em 100 de differença contra o sexo masculino, é que se póde bem appreciar a aberração que vai no assentamento que se faz dos mortos nesta capital, para os que elles devem ser na realidade. Não está so aqui toda a imperfeição d'esta taboa. Nella não apparecem nem as idades nem as molestias dos defunctos; dados estes que seriam bem faceis de colligir, e cujo conhecimento é tão importante para todos os problemas que ha a resolver em administração civil. Um homem, economicamente fallando, é o valor que ha de mais appreciavel em Portugal, onde as artes da vida tem tido tão pouco aproveitamento. Tomando o termo medio vital d'elle aos 23 annos, e calculando o seu sustento pelo minimo que são 50 réis por dia, temos 419,750 rs., e estes multiplicados por 3,300:000, que se não póde arbitrar em menos a população do reino (anno 1842) do continente, dão a somma enorme de 3,462:937$500 cruzados. Ja se póde ver por ésta crescida quantia, que a averiguação de um dia de mais ou de menos na duração da vida humana, é egual á constatação que se podesse alcançar de qualquer outra riqueza do Estado por maior que ella fosse. E tambem, que asssim como o govêrno póde ser taxado de remisso, o municipio metropolitano, não se tem tão pouco esmerado em aperfeiçoar trabalhos que são inteiramente da sua dependencia, sem que ahi se possa attribuir á auctoridade suprema culpa alguma pelos defeitos que n'elles se denotam; nem tão pouco se possa lançar á conta da sua menos valia os seus resultados para deixarem de ser mais escrupulosamente estudados por aquella corporação, cuja derivação é toda popular e por isso para onde se inclinam as predilecções do povo a presumir mais zelo, mais illustração, e mais interesse pelo bem público.

(Continúa.)

C. A. da Costa.

(1) E'stas observações acham-se escriptas desde 1842, mas desgraçadamente ainda em 1846 na synopse da camara para 1845, apparecem (18 X 10 X 278) 306 individuos sepultados cujos sexos se ignoraram. Um facto d'estes não se acredita. E revela, e suscita idéas sôbre a attenção que se presta aos negocios do municipio e sôbre os conhecimentos de seus vereadores, que deixam uma pessoa abismada em consternação pela sorte d'este paiz, em quanto não houver mais religião nos cidadãos pelas suas obrigações e deveres.

Recommendo muito aos leitores o artigo que abaixo se vai ler, último dos que o Sr. Claudio Adriano da Costa intitulou: 'Mappa da colheita e consummo de cereaes, no anno de 1844, no districto de Lisboa.' O illustre economista toca na profunda chaga que vai gangrenando este malfadado paiz: as suas luminosas ideas hão de por força calar na intelligencia de quem a não tiver obcecada, ou gasta pela pedra-pomes da maldade facciosa.

O paiz tem sido mal governado, porque a sua organisação social e economica tem sido desprezada, e so se tem curado de nefastas contendas politicas! O demonio da ambição e do egoismo tem tomado os nossos homens publicos. Cubiçosos do seu ingrandecimento individual atiram comsigo ao vortice das paixões facciosas, e desdenham o bem da patria pelo interesse do seu bando. As necessidades do paiz não se tem estudado: os malles publicos aproveitam-se como instrumento e abandonam-se como fim de uma revolução constituinte. Os imbaraços augmentam com as vicissitudes politicas, e o espirito de facção tem profligado sem-

pre as boas intenções que alguma vez possam ter havido.

Em Portugal tudo está por fazer no que respeita aos interesses materiaes do povo, e pouco ou mal se tem tractado dos seus interesses moraes. Estes interesses parece que se não comprehendem entre nós. Apesar da nossa bella posição geographica e do nosso bom clima, estamos pobres e em consideravel atraso em todos os ramos d'estudo e industria, que hoje se reputam e a civilisação tem tornado indispensaveis para a felicidade dos povos. A economia do mundo está hoje completamente mudada do que foi, e diariamente o progresso da sciencia modifica e influe tudo na organisação social das nações. Nós não estamos so atrazados mais de um seculo na cauda d'este movimento que arrasta os de mais paizes, nós, o que é muito peior ainda, não conhecemos, não intendemos, não curâmos da transformação economico-social que se está operando á roda de nós. E é este estado miseravel de ignorancia, e da pobreza que d'ella procede, que nos tem acarretado quasi todas quantas revoluções nos teem flagellado; porque o instincto do povo diz-lhe que está mal, sem conhecer onde está o remedio, e sem ninguem lh'o applicar. O Sr Claudio Adriano da Costa, ainda que de leve, aponta a chaga e indica o curativo, na parte que respeita á especialidade de que se occupa. A nossa pessima legislação sôbre cereaes, não póde resistir á evidencia dos argumentos que elle lhe oppõe baseados em cifras.

Continue o illustre economista a occupar-se d'estes trascendentes assumptos, em que é tam eminente e talvez unico entre nós, e cedo ou tarde se fará justiça a seus trabalhosos esforços pelo verdadeiro bem público.

MAPPA DA COLHEITA E CONSUMMO DOS CEREAS NO ANNO DE 1844, NO DISTRICTO DE LISBOA. *

974 Os apuros vão sendo muitos para se poder continuar com a charlatanaria de quem quer que seja, com os caprichos da ignorancia, nem com o sacrificar por mais tempo o bem de todos a um egoismo mal pensado.

Portugal não póde persistir a estudar a physica pela *Recreação philosophica* do padre Theodoro d'Almeida, onde ainda se duvida se as marés vem dos gelos que se derretem no polo artico.

O nosso atrazo em tudo é igual a este. As nossas desgraças d'ahi provem, a sua origem está na falta de estudar, e no aferro a prejuizos, e em todas as más consequencias que devem trazer comsigo taes premissas.

O govêrno é precizo que o seja pela sua illustração e pela sua coragem; se não tiver estes dotes, mal irá para elle e peior para nós.

(*) Concluido de pag. 352.

A questão dos cereaes, é questão em que elle devêra ter entrado, não para destruir interesses de alguem, mas para igualmente os proteger a todos.

É sabido hoje em todo este paiz, que a lei dos cereaes so serviu de um grosseiro véo ao contrabando até á lei de 23 d'agosto de 1832, e que ésta lei abolindo as alcavalas que pagavam os campos, e a outra não menos importante derrogando os dizimos, foram as que vieram dar vida aos nossos terrões. Não duvidâmos que a decima rural, ainda seja mais pesada do que o comporta a nossa agricultura. Faça se n'essa contribuição uma reducção tambem, mas classificando-a primeiro. Aliviada que seja assim a agricultura do seu ultimo gravame economico, e sem que haja mais pretexto para ella poder fazer mais reclamação alguma, a não ser da sciencia, é indispensavel pôr o commercio dos cereaes ao pé do senso commum e da civilisação.

Em todo o orbe terrestre não se dá uma insensatez, como é, a presumpção de que um reino em 25 annos não teve uma occasião de precisar de pão vindo de fóra, ainda que esse reino seja o mais bem cultivado!

A França, a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, importam cereaes quando tem precisão d'elles. A propria America ingleza. A China tambem. Este imperio ha occasiões, não obstante toda a sua religião pela lavoura, em que chama pelo arroz de toda a Asia para acudir ao sustento do seu povo.

Os biocos que a nossa governança tem deixado estar a fazer a um bando de contrabandistas, tem privado o thesouro de um rendimento de (100,000 moios ou 6,000,000 alqueires a 100 réis) de 5 a 600 contos annuaes, e ao mesmo tempo cerceado as subsistencias e o commercio das povoações maritimas.

Quem é que ignora o avantajada preço dos bens nacionaes sitos na raia, para fazer o contrabando?

Mas 100,000 moios de cereaes alagava os nossos infelizes lavradores, e portanto tudo isto que digo são maleficas theorias de auctores, que na prática trariam a nossa completa ruina.

Para se ver onde está a impostura e a ignorancia audaz, vamos ao calculo. A população de Portugal são hoje provavelmente 3,500:000 almas, não deviam ellas ter para comer menos por anno de 1,750,000 moios de cereaes, para os seus animaes 20° ou mais 350,000 moios, e sôbre estes (350 mais 1,750 =) 2,100,000 moios, em reserva para sementes, 1 em 10, para calcular o minimo, são outros 210,000 moios, somma de todas as verbas 2,310,000. Sôbre ésta, que forma o grande total, não nos saberão dizer que influencia fariam 100,000 moios, que são 4. 33 em 100,000. Ou não nos dirão se por um quebrado de 4. 33 em 100, d'onde ficam 95. 67 partes, ou por 0.0433 é que a agricultura deixaria de florecer em Portugal, ou deixa de florecer em Inglaterra, França etc. etc. etc.?

Nós temos medo d'aquillo de que não devemos ter, e d'aquillo de que devemos ter, então é que não temos nenhum: haja vista ás operações que fazemos por officio com a fazenda.

Em 22½ annos até 1823, em que Balbi calculou o movimento dos cereaes em Portugal, deprehende-se pelos mappas officiaes, que a sua importação quando era quasi livre de direitos, não excedeu a, termo medio, mais de 110,964½ moios. Este computo que ho-

je certamente não seria excedido, porque as populações da Europa tem crescido grandemente e a cultura frumentaria não lhe tem correspondido por causas que agora não explicarei, podiam dar para a nossa população e animaes uns 17 dias de sustento, ficancando para os nossos lavradores os outros 348 dias do anno.

Mesmo quando houvesse com os muitos mercados que ha hoje, a improbalidade, de ca trazerem mais de 100,000 moios de cereaes, não haja o panico de que ca ficavam. Não tinhamos com que os pagar. Os 100,000 moios reduzidos a alqueires, são 6,000,000, e estes a 400 réis ja eram 2,400 contos, e nós não tinhamos nem metaes, nem mercadorias appetecidas que abrangessem o pagamento de uma quantia superior a ésta, para logo de prompto, como costuma ser o pagamento dos cereaes por toda a parte, satisfazer á compra d'elles. A minha conjectura de não termos mais dos 2,400 contos, está na balança do commercio de 1844, que não dá á exportação total de Portugal n'aquelle anno, mais de 6,580 contos.

Havia de estabelecer-se naturalmente, uma exportação maior de vinhos, sal, fructas, etc. por toda a nossa costa maritima, para pagar estes cereaes. D'aqui havia de vir um movimento commercial a todos os nossos portos, o qual subiria pelo menos a 5,000 contos. A população tambem d'estas partes, em logar de estar a comer o pão a 500 600, e 700 réis, vinha a tel-o regularmente a menos de 500 réis, e a ganhar com que o pagasse. A isto não esqueça o rendimento para o thesouro, e o favor para a industria, que se não póde desinvolver onde a subsistencia do jornaleiro é cara.

Quando não houvessem nenhumas d'estas considerações a ponderar, ha uma que sôbrepõe a todas as outras.

O thesouro precisa de rendimentos para pagar aos credores o que lhes deve. São futilidades pensar na economia que se hade fazer com os ordenados dos empregados; porque, que maior economia, queremos nós, do que é não lhes pagar? Como ésta economia, nenhuma outra vale. Não podendo por este lado remendar nenhum dos farrapos é preciso pano novo. Este pano está na redução e até abolição de muitos dos nossos irracionaes e imprudentes tributos. Um d'elles é o de 800 réis sôbre os cereaes, que é o mais comico de todos os comicos, com que n'esta terra burlamos o senso commum e por habito e costume sacrificamos, e mettemos os dedos pelos olhos ao ignaro povo, que se ve constantemente despojado e reduzido á miseria, sem saber por qual das materialissimas evoluções que elle presenceia, foi que lhe veiu ou vem a sua degradante ruina.

Disseram-lhe ha 25 annos que havia de enriquecer com a prohibição dos cereaes; disseram-lhe ha 9 que tambem havia de enriquecer com as pautas, elle cada vez está mais pobre.

E não so senão poude conservar estacionario, com as ridiculas providencias que lhe applicaram, mas não podendo o thesouro ir buscar as suas rendas ás fontes naturaes, que eram as casas fiscaes, foi individar-se em despezas de milhares de contos a ver se assim podia costear o seu *deficit*, improrogavel e fatal todos os annos.

Não tem outra origem a morte do Banco-de-Lisboa e da Companhia-Confiança, e de todas as outras associações mercantes, e a repetida carga e sobre-carga de divida á juncta-do-credito-Publico.

A divida do govêrno ao Banco importando uns 5,500 contos, e a outra á Companhia-Confiança de 6,000 contos, origina-se no desprezo dos principios reaes da economia politica.

Em 1836 a divida interna fundada andaria por 16,000 contos, hoje anda para cima de 30 mil contos. A differença que são 14 mil contos, tambem se deve ao celebre systema dos celebres politicos, sem excepção d'um so, que nos teem estado *avicenda* toureando.

Na questão cereal, assim como em todas as mais, o paiz podia, depois da emancipação da gleba, dar talvez ja para a exportação, sem nenhum desfalque no consummo, ou podia pelo menos dar pão barato a toda a nossa beira-mar e margens fluviaes, mas era preciso que tivesse locomotivas. Por falta d'estas, gastam-se n'este districto segundo a estimativa que ja em outra exposição ficou feita, 500 contos em conducções ás costas de ribeirinhos maulados. Estes 500 contos a 4% serviam para dotar com juros um capital de 12,500 que era mais do que sufficiente para os dois grandes caminhos de ferro que nós não podemos dispensar, e que se hão de fazer ou Portugal não hade ser.

Estes feitos que sejam, para tornar barata a conducção, um cathecismo chimico-agricola segundo Liebig, e Bouningaull, para ensinar a lavoura, a conservação da lei de 13 d'agosto de 1832, e Portugal encetará uma era nova. *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

NECESSIDADE DE UMA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

975 Ha cousas, que se não fazem porque não ha quem seja capaz de as fazer, e outras que se não fazem porque não ha quem as lembre ou quem lhes dê o impulso. No numero d'estas segundas está, quanto a mim, a composição de uma historia critica da nossa litteratura, de que carecemos, não certamente por falta de pessoas, que tenham os conhecimentos e forças para bem desempenhar similhante empresa, pois tem havido muitos compatriotas nossos habilissimos para ella, e muitos poderiamos apontar ainda vivos, se quizessemos; mas é contra os nossos principios tanto louvar como censurar os vivos, pois não desejamos arriscar nos a ser tidos em conta de lisongeiros ou de invejosos.

Todas as nações cultas da Europa moderna tem caprichado em possuir a historia da sua litteratura, escripta com boa critica, e livre do espirito de partido. A Italia, além de muitos escriptos estimaveis deste genero, mostra vaidosa a historia da poesia vulgar do grande poeta, e presidente da arcadia de Roma, João Maria Crescimbeno, e a historia da litteratura italiana pelo erudito Tiraboschi, que em exactidão, e imparcialidade pouco deixa que desejar.

A Allemanha, e a Inglaterra são os paizes da critica, e por isso não só teem escripto excellentes obras sobre as suas litteraturas, mas até sôbre as das nações extranhas, e a dos Gregos e Romanos, e é des-

te modo que se aperfeiçoa o gosto comparando as producções dos diversos povos.

Mas por uma fatalidade, que acompanha as nossas cousas, por um desleixo vergonhoso, que nos faz deslembrar das nossas glorias, não só não tem havido quem se desse ao trabalho de tomar a si a empresa de fazer valer a nossa tão fecunda, e extensa litteratura, com a curiosa, e honrosa excepção do Ensaio do Sr. Francisco Freire de Carvalho, que por ser tão resumido não póde preencher a lacuna, de que nos queixamos, mas até nem temos tido o cuidado de publicar as peças, que devem instruir este tão grande, e importante processo.

Já não é possivel achar de venda um exemplar do Cancioneiro de Resende, e quando algum apparecesse custaria tão caro, que rarissimas pessoas, (fallo das que cultivam as lettras) estariam em estado de compra-lo.

No Collegio dos Nobres existia um cancioneiro manuscripto, que não sabemos se porventura pereceria no lastimoso incendio, que devorou aquelle sumptuoso edificio, o que seria uma perda tão grande como irreparavel.

Existe outro na real Bibliotheca Publica, tambem manuscripto, e todos os thesouros alli encerrados estão inteiramente perdidos para a instrucção publica, e para as investigações philologicas sobre a origem, progresso, e variações da lingua portuugeza.

Não duvidâmos que livrarias antigas, especialmente as dos conventos, contivessem muitos outros documentos importantes para a historia litteraria de Portugal, mas existirão ellas? escapariam ao estrago da guerra civil? na remoção das livrarias, e archivos, que tiveram logar por occasião da suppressão dos conventos, haveria todo o cuidado em conserval-os, ou seriam desprezados como inuteis? e se assim fôr, não se deverá em grande parte esta calamidade litteraria a não ter havido entre nós um D. Thomaz Sanches, que os collegisse, illustrasse, e publicasse como aquelle douto hispanhol praticára com os poemas da sua nação anteriores ao seculo XVI? collecção preciosa para as investigações do grammatico, e do philologo, e para a historia da arte, reproduzida ultimamente em França pelos disvelos de D. Eugenio Ochoa.

É muito para lamentar, que a Academia das Sciencias de Lisboa, que tantos, e tão valiosos serviços tem prestado ás nossas boas lettras, a quem devemos tantos monumentos preciosos que por sua diligencia tem sahido á luz, se não tenha lembrado, ou não tenha tido meios, para publicar este cancioneiro, importantissimo; que de tantos homens verdadeiramente eruditos, que alli tem regido a cadeira de litteratura, nenhum se tenha abalançado a escrever a nossa historia litteraria, de que tanto carecemos com vergonha nossa, sendo talvez a unica nação europea de quem isto possa affirmar-se.

No estado de pobreza, que persegue de ordinario os nossos homens de lettras, na completa falta de editores, que abundam na França e na Inglaterra, na carestia da nossa impressão, é evidente que uma obra de tamanha magnitude só póde ser empreendida e publicada pela Academia das Sciencias, pela Universidade de Coimbra, ou outra similhante associação litteraria: não só porque só ellas poderiam prover á sua despeza, mas até pela divisão dos trabalhos de sua composição entre seus membros tornal-a mais prompta, e mais perfeita do que ficaria sendo empreendida, e acabada por um individuo só, por muito erudito que fosse.

No entanto dirá alguem que podemos conservar-nos neste estado? poderemos por mais tempo prescindir de uma obra tão necessaria? de uma obra em que nacionaes e extrangeiros possam fazer idéa facil do que vale o que possuimos? ninguem, com boa fé, nos persuadimos que dirá que sim.

Qual será pois o meio de conseguirmos o preencher esta lacuna da nossa litteratura? Se o zelo pela gloria litteraria da patria, despida de todo o interesse pessoal, nos concede o direito, não de dar um conselho, mas simplesmente de emittir um voto, lembrariamos que o Conservatorio Real de Lisboa, melhor que ninguem poderia tomar a si, e desempenhar dignamente esta empresa: é alli que se acham reunidas todas as nossas sumidades litterarias, e se cada um dos seus membros tomasse o encargo de uma parte desta composição, ella em breve se veria levada ao fim.

Quanto ao methodo do trabalho, se nisso podemos dizer alguma cousa, parece-nos que o mais commodo seria, que distribuida a materia por capitulos, e secções, depois de discutidas, e approvadas estas divisões, se repartissem por cada um dos membros do Conservatorio, e que cada um delles por seu turno, em sessão publica, que deveria ter logor uma vez por semana, fizesse leitura do que tivesse escripto; e que depois de examinado este trecho com audiencia do auctor em sessão secreta, e depois de feitas as emendas, suppressões, ou additamentos, que parecessem opportunos, se remettesse tudo a uma commissão de redacção composta de tres membros, que reduzindo tudo ao estado em que devesse ficar, a remettesse para a imprensa, a fim de por subscripção se publicar, e entregar no principio de cada mez, um folheto da grandeza que se julgar conveniente; continuando assim até se finalizar a obra, renovando-se a subscripção todos os annos.

Estamos firmemente persuadidos de que uma obra de tanta extensão, em que não basta escolher e narrar, mas em que é preciso examinar, e julgar e em que se tractam objectos tão variados, sahiria muito mais perfeita e acabada, e em estylo menos cansado, do que emprehendida por um só, ainda que fosse tão instruido, e laborioso como Ginguiné, pois, como a elle, aconteceria acabar-se-lhe a vida, primeiro que o assumpto.

Supponhamos que quatro homens tem de precorrer um estadio, com a differença porém, que o primeiro ha de correl-o todo, o segundo só até ao principio do primeiro terço, o terceiro do fim do primeiro ao fim do segundo, e o quarto do fim do fim do segundo ao fim do terceiro, é claro que estes tres hão de chegar ao termo da sua carreira, menos cansados, e mais depressa que o outro que tem de correr o estadio inteiro: de igual modo o litterato, que tiver de escrever só uma parte, e de julgar os escriptores de uma só epocha da nossa litteratura, dará mais facilmente conta do trabalho de que se incumbiu, e os seus exames serão mais circunstanciados, do que um escriptor unico que como Tiraboschi emprehenda só dar conta de uma litteratura inteira, ser-lhe forçoso passar de leve por muitos objectos, não dar todo o desenvolvimento a cer-

tas materias, não entrar em algumas questões importantes, e só levemente indical-as, e que quanto mais avançar na sua carreira o cansaço o torna menos diligente em investigações, menos exacto, e minucioso nos juizos, e menos elegante no estylo.

Ou esta obra se escreva pela ordem simplesmente chronologica, ou dividindo-a em periodos, que contenham a eschola galleica, ou dos copleiros, a italiana, a hispanhola, a latina, ou da Arcadia, a franceza, e a romantica, que hoje prevalece entre nós, torna-se de absoluta necessidade que se indague o progresso, ou atrazamento, que tiveram os conhecimentos no reino, quaes foram as suas causas, religiosas, ou politicas, o caracter de cada eschola, e o que cada uma dellas influiu na lingua, na poesia, e na eloquencia, e quaes foram os auctores a quem deve mais attribuir-se a corrupção, ou aperfeiçoamento do gosto.

Esperâmos igualmente que se não caia no erro tão trivial de envolver em uma proscripção geral todos os seiscentistas, dando a todos por escriptores inteiramente desprovidos de merecimento, e até como alguns tem feito passando em claro a sua epocha.

Nós estamos pelo contrario mui seriamente persuadidos de que essa epocha deve ser mui judiciosamente examinada, porque nella floreceram homens de muito engenho e saber, e importa muito vêr que motivo os levou a crear um estylo novo, que nos primeiros que o abraçaram está mui longe de poder ser capitulado de tão vicioso como muitos cuidam. Foi o vulgo, porque entre os escriptores tambem ha vulgo, que deu nos excessos, e ridicularias, na pueril affectação de conceitos, nas idéas alambicadas, e enigmaticas, nas metaphoras forçadas, nas hyperboles gigantescas, e desatinadas, e no falso sublime, como o vulgo dos quinhentistas tinha insensivelmente decahido no prosaismo de estylo, e de metro, e na frialdade hyperborea, e timidez acanhada que torna sobre maneira tediosa a leitura das suas composições eunucas.

Estâmos persuadidos de que n'esse seculo ganhou muito o estylo em concisão, e força, e muito mais a versificação que teve mais movimento, sonoridade e cadencia.

É necessario que em obra tal o critico se revista de imparcialidade, depondo prevenções de Eschola, que julgue com o seu bom senso, e consciencia, e que não seja como os juizes desattentos, descuidados, ou indolentes que sentenceam sem haver com madureza examinado todas as peças e documentos do processo. Muitas vezes as verdades nascem dos erros, e os erros tambem muitas vezes não são mais que consequencias falsas, ou mal deduzidas de principios em sua origem mui justos, e verdadeiros: e um grave defeito é tambem a miudo a exageração de uma grande belleza.

Desejamos tambem que n'esta obra se consagre alguns capitulos áquelles auctores, que escreveram em latim, e cujas obras por estarem hoje quasi esquecidas, graças ao descuido que ha não só no ensino do grego, mas até da lingua latina, nem por isso deixam de ter grande merecimento litterario. Tal é o bispo D. Jeronymo Osorio, que além de muitos tractados importantes, escreveu com muita elegancia e pureza a vida de el-rei D. Manuel, e que talvez seja o nosso melhor historiador; Thomé Correa a quem se deve uma da usurpação dos Philippes, e restauração por João IV, escripta no estylo de Floro, o padre Bartholomeu Pereira, jesuita, auctor do poema intitulado *Paciecidos*, que abunda em bellas, e riquissimas descripções dos costumes do Japão, Diogo de Paiva de Andrade, auctor do poema epico intitulado *Chaúlés*, e de outras muitas poesias latinas de grande merecimento; Henrique Cayado, excellente poeta bucolico, e Andre Bayão, reitor do collegio portuguez em Roma, que traduziu em versos latinos os Lusiadas de Luiz de Camões; o padre Rujo da Congregação do Oratorio de Lisboa; o padre frei Francisco de Sancto Agostinho Macedo, escriptor copioso, em muitos generos, excellente poeta latino, e tambem traductor de Camões; José Francisco Cardoso, auctor do canto de Tripoli, e o auctor dos poemas *de Cura Bosem in Brasilia*, *de Herba Nicotiana*, *de Cultura Brasilicæ Radicis*, José Rodrigues de Mello; assim como Prudencio do Amaral conhecido pelo seu bello poema *de Opificio Sacchari*.

Egual menção devêra fazer-se dos nossos auctores que escreveram em castelhano: entre os quaes tem mui distincto logar. D. Francisco Manuel de Mello, que escreveu a guerra do levantamento da Catalunha, e o Eco-politico, obras que passam por classicas e o Hispanha, e grande número de poesias. Manuel de Faria e Sousa, bom historiador e poeta; Antonio de Sousa Macedo tam conhecido pelo seu livro intitulado Flores de Hispanha; D. Bernarda Ferreira de Lacerda, auctora da poesia *La España libertada*, Jorge de Montemaior, que com a sua Diana, deu o primeiro exemplo dos romances pastoris em prosa, e verso; Henrique Gomes, auctor de muitas obras em prosa, de muitas comedias, e do poema intitulado *Sanson Nazareno*; João de Mattos Fragoso, que a Hispanha conta no número dos seus melhores poetas dramaticos; Antonio da Fonseca Soares, auctor da *Philia*, poema tam raro; o cavalheiro D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, auctor do *Alphonso*, e do *Nuevo Mundo*, epopeias cheias de ricca poesia, e de brilhante e original imaginação; o excellente lyrico Paulo Gonçalves, e o doutor Miguel da Silveira, auctor do Machabeu, que tantos applausos recebeu no reino vizinho; Manuel de Galhegos, auctor da Gigantomachia, e Jeronymo Corte Real, que tomou logar entre os epicos de Hispanha com a sua batalha de Lepanto, depois de figurar brilhantemente entre os portuguezes pelo seu Naufragio do Sepulveda, e Cerco de Diu, os primeiros poemas epicos que appareceram em Portugal escriptos em verso solto.

Não deve igualmente esquecer aos litteratos, que se encarreguem de tam grande obra, o começar pela analyse do genio, harmonia mechanica, character e origem da lingua portugueza, para o que lhe podem servir de muito soccorro as investigações sôbre os celtas pelo muito erudito desembargador Antonio Ribeiros dos Santos, que existem na sala dos manuscriptos da real bibliotheca publica, com muitas outras composições, dignas do grande engenho, saber, e laboriosidade d'aque illustre academico.

Em nome pois de todos os que amam, e cultivam a lingua, e litteratura portugueza, pedimos aos illustres membros da Academia Real das Sciencias, da Universidade de Coimbra, e do Conservatorio Real de Lisboa, que tomem este objecto na consideração que merece, e empenhem o seu muito saber e as suas luzes em prehencher ésta lacuna vergonhosa das nossas let-

tras, e fazer assim conhecer a nossa litteratura tam ricca, tam formosa, e tam pouco conhecida no orbe litterario.

É so por este modo que os extrangeiros podem fazer idéa do que valem os nossos bons engenhos, e conceber o desejo de querer conhecer os nossos auctores, e os thesouros que encerra o nosso idyoma, tam pouco por nós conhecidos.

C. . .

DOIS ANNOS DE VIAGEM. *

1844 — 46.

VI

Navegação do Prata. — O banco de Ortiz — Buenos-ayres.

976 No dia 17 de novembro, largámos de Montevideo com destino a Buenos-ayres.

A navegação do Prata é difficil pelos muitos baixios que se encontram, mesmo na pequena parte navegavel para embarcações de maior lote: — um piloto é indespensavel.

Tomou-se um, que fôra indigitado como mui apto, para dirigir a corveta; — era portuguez e os seus papeis estavam em regra. Seguimos, rio acima, ao som do monotono bradar do prumador, que annunciava com pequeno intervallo de tempo — as braças de fundo que ia encontrando.

— Quatro braças e meia — dizia o marinheiro ao soarem as cinco horas da tarde do dia 19. — E o piloto subia a enxarcia para reconhecer a terra que a nebrina começava a descubrir por estibordo.

— Trez braças e meia — continuava o prumador, quando ja o piloto descia apressado; porém no momento de este soltar a voz para mandar orçar, bradava aquelle: — Trez braças escassas.

E o navio levantou á superficie d'agua uma columna de areia, estremeceu, deixou ouvir um som rouco que parecia partir da quilha — e ficou parado, com todo o seu panno cheio.

— Mestre pratico, bradei eu, que é isto?..

— O navio que varou; respondeu o piloto com uma expressão onde se pintava a estupidez e o susto.

— E agora?

— Se o vento não vier a mais, e a agua crescer — não ha perigo.

Trez dias estivemos sôbre o banco de Ortiz (que é n'esse logar que encalhára a corveta) — pouparemos o leitor á fastidiosa descripção das diligencias repetidas que fizemos para a salvar, — bastará que imagine qual seria a deliciosa vida que passariamos — trabalhando constantemente, sem dormir, quasi sem comer; lançando ao mar — mantimentos, agua, ferragens, material de guerra, trez mil balas, e por fim a artilheria... Oh! fôra mister ser completamente egoista, para deixar de commover-se diante d'aquelle quadro! — Os canhões, primeiro distinctivo do navio de guerra, sahindo de bordo para serem lançados ao mar, lá bem longe de nós — como se a corveta houvera commettido algum crime, pelo qual fôsse exauctorada das honras militares!.. e depois, todos nós, nos haviamos encostado cem vezes aquellas peças, haviam sahido da patria no navio — era uma scena bem triste: lembrou-me o desconsolo de uma pobre familia, ao sequestrarem-lhe os moveis que tem para ella doces recordações, — e quasi chorei ao desapparecer a primeira caronada, como se fôra a poltrona em que meu velho páe tivesse de uso sentar-se.

Durante a noute de 21 para 22, conseguimos finalmente quebrar as algêmas que nos lançára Ortiz, e cuidando em não fugir do canal, navegamos até avistar as torres da colonia do Sacramento. Esta cidade que foi possessão nossa — como Montevideo — está tambem situada na margem septentrional do Prata: importante como ponto commercial, não merece todavia o pomposo nome de cidade com que a adereçaram, pois que e apenas como uma villa europea de segunda ordem quanto aos edificios — hoje arruinada, pobre e profanada, pelo saque, incendio e desacato dos vandalos do sul que a invadiram, como tão poeticamente nol-o descreve o *Journal-des-debats*.

D'alli partimos a demandar a margem do sul, aonde está assentada a cidade de Buenos-ayres, antiga séde do vice-reinado hispanho, do Prata, e hoje cabeça da confederação Argentina. Como a terra é muito baixa, não podémos avistál-a até a noite, porém enxergava-se no horisonte um indicio certo da sua proximidade: era uma fragata ingleza ancorada, como acontece por toda a parte do mundo.

No dia 23 entrámos no porto: nem um so navio de commercio existia alli, — n'aquelle logar aonde um mez antes ancoravam centenares de embarcações de todos os lotes e de todos os paizes; — ao largo, uma fragata e uma corveta inglezas (a Melampus e Coração) fechavam por um lado o porto, — e pelo outro uma corveta e uma escuna francezas (a Coquette e a Palmar — esta tomada aos Argentinos) demonstravam que a França e a Inglaterra combinada, resolveram bloquear stritamente este porto, o maiss importante da confederação. Por entre o arvoredo que circunda a cidade, appareciam de um lado alguns tópes de mastros; — eram embarcações pequenas do commercio de cabotagem subtrahidas aos cruzadores dentro do *Riachuélo*, pequeno rio que desagua n'aquellas cercanias.

O aspecto da cidade encarado do porto, e em seis milhas do distancia onde nós ancorámos — apresenta a pouco-magestosa vista de uma povoação edificada em planicie, — é uma linha de habitações similhantes, interrompida aqui e alli por alguns campanarios, que se erguem para o ceo — como as preces do povo que se lhes arrasta ao sob pé, e que géme escravo, desmoralisado e pobre, sob a toga republicana.

Na tarde de 25, dirigime para terra em uma balieira, — embarcação propria d'aquelle porto, demandando pouca agua, — e ao approximar da praia, vi caminhar para nós um carro tirado por dois cavallos, e entrar no rio até encostar-se á balieira; saltei para dentro d'elle, e fui apear-me commodamente no meio da praça *La carretilla* é o meio usual de comimunicação entre a terra e o mar; talvez muitos dos leitores ignorassem que havia um logar no mundo aonde se desembarca em carruagem; e assim se carregam e descarregam os navios.

O logar do desembarque é um passeio assombrado de arvoredo, e que se prolonga pela margem do rio em grande extenção; chamam-lhe *L'alaméda*. É o logar de reunião nas tardes calmosas.

* Continuado de pag. 357.

Dirigimo-nos (eu e outros officiaes da corveta, novos companheiros das minhas aventuras) a casa do encarregado de negocios de Portugal, e fômos recebidos pelo sr. Leite d'Azevedo, como o são todos os nacionaes e extrangeiros que buscam a sua poizada, com um requinte de delicada franqueza. Apresentou-nos immediatamente a sua filho, e tivémos então logar de reconhecer quanto era exacta a descripção que nos tinham feito da sua extrema amabilidade: — a maneira graciosa por que fui sempre recebido n'essa casa, ficou eternamente recommendada á minha gratidão. — O sr. Leite teve depois a bondade de apresentar-nos em casa do governador e capitão general da provincia — o celebre e mysterioso D. João Manuel de Rosas — porém não nos foi possivel falar-lhe; o que teem acontecido a pessoas de todas as cathegorias, e que hão vivido largos annos no paiz. — Sua filha D. Manuella, cujo caracter é o mais puro contraste d'aquelle genio incomunicavel, e de que a amabilidade se tem tornado proverbial, como é proverbial a rigidez de seu pae, — nos recebeu sem cerimonial, sem etiqueta alguma, convidando-nos a ir passar na sua casa e quinta, as horas que tivessemos desimpedidas de quaesquer afazeres.

Fora desnecessario dizer que não olvidamos aquella offerta, nos poucos dias que nos demoramos alli.

Manuelita Rosas é uma senhora alta, muito elegante, e se não de extrema formosura, pelo menos adornada de olhos expressivos, e tez reveladora de engenho; — de um espirito superior, de mui regular instrucção, sem orgulho pela alta posição de seu pae — o dictador da America do Sul — ella recebe os extrangeiros de todas as classes, sem que seja necessaria mais apresentação do que um simples bilhete de vizita, levado pela propria pessoa.

O caracter das senhoras Argentinas, é mui conforme ao das Orientaes do Uruguay, apezar de que exista entre ellas grande rivalidade, — como acontece sempre entre povos limitrofes. O leitor achará nos antecedentes capitulos os promenores d'este caracter.

Buenos-ayres, velha fundação hispanhola, é uma cidade regularissima, em que as ruas se cortam todas em angulos rectos, deixando entre si espaços perfeitamente iguaes; mais extença do que Montevideo, é comtudo muito menos bella; quanto ao interior dos edificios seculares são similhantes. — Os templos, cujo numero é essas crescido, não nos revelam tão-bem, como a Matriz de Montevideo, a poderosa vontade e devoção dos senhores reis das Hispanhas e das Indias. — A Cathedral, primeiro templo que vizitamos, e que nos fôra recommendada como uma fabrica sumptuosa, não é mais que um monstruoso agglomerado de irregularidades architectonicas; a abobada é mui baixa e sustida por columnas branqueadas de cal com seus capiteis doirados, e a entrada unica é por um dos lados da nave, por que a fachada principal que ornam algumas columnas de tijolo, erguidas em massa — como se vê em alguns theatros da Europa — não está ainda concluida, e as portas permanecem entulhadas. Esta fachada forma um dos lados da praça principal (Plaza de la Victoria) sendo os outros trez ocupados por edificios publicos, assentes sobre arcadas que formam um passeio acobertado em roda do largo; no meio está uma tosca piramide, cercada de marcos de tijolo, e gradeada de ferro: é o monumento da Independencia, chamam-lhe a *Piramide de Maio*. — O dia 25 d'esse mez, é o anniversario da sua emancipação politica, e por isso estenderam a todo elle o nome de *Mez d'America*, em substituição de Maio. É notavel a coincidencia que têem n'esta iliminação — os argentinos com os nossos algarvios.

Os outros templos que visitamos, e que são os principaes da cidade, a saber San'Domingos, o Collegio dos Jesuitas, Nuestra-Senhora de las Mercêdes, e San'Francisco, são vasados no molde da Cathedrale, dão idéa de um celeiro, hospital, ou quartel de tropa grandiosos, mas não de um templo christão; faltalhes aquelle aspecto grave dos mosteiros gothicos, são demasiadamente brancos e alegres, para incutirem o religioso recolhimento que faz elevar preces fervorosos, e leva a contricção aos intimos seios da alma; — apenas o ultimo d'aquelles templos (San'Francisco) por menos rebocado e caiado, se conforma de alguma maneira com os mysterios da nossa igreja.

Em San'Domingos ha cinco bandeiras inglezas pendentes da architrave, como trofeos da confederação Argentina, — e na Cathedral fluctuam quatro bandeiras brasileiras, e dezoito hispanholas, tomadas a seus antigos possuidores; estão quasi todas rotas e chamuscadas, e em uma d'ella se lê ainda a custo: — Viva Fernando VII.

Todos os confederados trazem uma fita vermelha em roda do chapeu, e no lado esquerdo do peito, alli se lê: — Viva a Confederação Argentina, e morram os immundos e asquerosos selvagens unitarios! — D'esta regra não são excoptuados os frades, os meninos, nem as senhoras, que mesmo em casa trazem sempre o *distinctivo federal*, preso no cabello.

Aquelles que pertencem á *Sociedade popular*, a quem os unitarios chamam *Mashorqueiros*, ou assassinos — trazem tambem no chapeu um pequeno penacho vermelho; — e os emigrados da republica oriental do Uruguay, acompanham a fita escarlate, de outra branca — como usa toda a gente no acampamento do exercito de Oribe.

Ainda mais — o que é incrivel! — os actores não representam sem divisa federal, — e Carlos Magno, Barba-rôxa, ou Cromwel, Boadicéa, Lucrecia e Joana d'Arc — se ostentam federaes antes da independencia americana, e até mesmo antes de descuberto o novo mundo!.. ao levantar do panno apparece no tablado um actor, e brada a bom-bradar: *Viva la Confederacion Argentina, mueran los salvajes unitarios, viva el senhor gobernador — brigadier-general D. Juan Manuel de Rozas etc.* — e torna a baixar o talão. — Depois começa a espectaculo annunciado pelos cartaze.-

Não julgará o leitor que estamos redigindo uma relação de viajem, no gosto das de Gulliver?.....

Que se figure o effeito que nos produziria, ao atravessar a cidade em noute escura, — sentir romper o silencio uma voz aguda, cantando com monotona toada: — *Viva la federacion, mueran los salvajes unitarios, vivid Representacion! — Son las once y media, y... sereno.* — Era o vigilante ou *sereno*, que — como em Montevideo, como na Hispanha — annunciava as horas, precedendo essa noticia d'aquelle prologo, segundo a ordem; armado, não de lança, como nos citados paizes, mas de espingarda e cartuxeira como os nossos guardas-municipaes. Estes homens constituem em Buenos-ayres um corpo de tropa regular, mui bem

disciplinado, e que faz a policia da cidade com uma perfeição admiravel.

As portas e janelas são pintadas de vermelho (côr federal) — e em todas as lojas, nos jornaes e nas cartas particulares, se lêem os — vivas e morras — que deixamos mencionados; — até no cemiterio publico fomos descubrir escripto sôbre os tumulos — *Viva la federacion* — ! Além da campa chega o inthusiasmo pela liga.

E é por causa d'estas excentricidades, que se tem inventado historias maravilhosas, tetricas, inconcebiveis a respeito da familia Rosas, e seus agentes; succedendo — o que é mais raro! — serem acreditadas por pessoas mediocremente instruidas. Um semi-diplomata me perguntou um dia com toda a seriedade se — era certo tocar-se a degola em Buenos-ayres, todos os dias logo que anoitecia !!!

Aproveitemos os poucos momentos que podemos demorar-nos em terra, buscando vêr o mais notavel do paiz, — que a sahida está para breve.

Os passeios mais curiosos que ha nas cercanias de Buenos-ayres, são — uma excursão pela margem do *Riachuélo*, cuja corrente tortuosa e pouco abundante entra no Prata em um logar mui pittoresco; ou o caminho que conduz á quinta do governador, tambem á beira do rio, mas do outro lado da cidade.

Esta quinta, situada em um logar denominado *San'-Benito de Palermo*, está uma legua distante da cidade; é cultivada cuidadosamente sob a direcção de Rosas, e tem um soffrivel jardim — distracção de D. Manuelita! uma casa não concluida para habitação do governador no estio, e algumas barracas para diversos misteres, imitando a tosca construcção das choças dos *Gaúchos*. — A beira do rio está um brigue que o temporal para alli arrojou, transformado em habitação terrestre; direito e bem escorado para resistir ás enchentes do Prata. Não tem genero algum de luxo, apesar do soberbo nome de *Buque-palacio* com que é decorado pelo povo. — De resto o que o europeu encontra alli mais digno de fixar-lhe a attenção, são as manadas de avestruzes que lhe cruzam o caminho nas proximidades da quinta.

Porém se as bellezas naturaes não abundam n'este logar, a vontade de uma mulher — prodigiosa como a vara de uma fada — sabe transformal-o em uma mansão de delicias! — Manuelita Rosas, se apresenta alli cercada de suas jovens e encantadoras amigas, seguida de extrangeiros a quem convidou para um passeio a cavallo, limitado por esta quinta, mas quando elles ja creem acercar-se o momento da retirada — os accordes do piano os chamam ao sallão... é um baile improvizado! sem etiqueta, sem a monotona circunspeção do sarau da cidade, — alegre e risonho como uma festa campestre.

A contradança hispanhola, seria como um *hidalgo*, é seguida pela quadrilha franceza, leviana como um *dandy* — e ao delirio da Valsa, succede o circunspecto minuete; depois a polka, idolo das Argentinas.

E os homens vem dar uma serenata sob os balcões da salla, que abrem sôbre um elegante jardim — recordando os tempos cavalleirosos da Hispanha — e as *senhoritas* agradecem com uma doce e voluptuosa canção castelhana; — e os bons dittos circulam. So se tracta de prazer, todos os soffrimentos ficam em completo olvido.

Assisti a um d'esses festins, em que encontrei um atractivo magico, — não seria capaz de descrevel-o, mas tambem não me será facil riscal-o da memoria. Não tinha visto ainda, nem tornei a ver, uma tãi ruidosa espanção ds alegria entre gente de boa sociedade... as ultimas classes do povo, parecem quassempre entregar-se mais vivamente ao prazer de uma festa.

Passou-se deliciosamente essa noute — a de 5 de dezembro, — graças a D. Manuelita Rosas, a essa amavel senhora, tão grosseiramente calumniada pelos inimigas politicos de seu pae — comparada por elles a Medéa, e a Lucrecia Borgia... Infames! — O respeito que consagro áquella excellente senhora, me impede de dizer uma so palavra em sua defeza, receiaria offendel-a, e cair no seu desagrado se um tal escripto lhe passasse por ante os olhos: remetterei pois os meus leitores para algumas circunspectas relações de viajantes desapaixonados, que em França e Inglaterra teem escripto sôbre Buenos-ayres.

E tractarei de concluir este esboço, em que demasiado me alarguei.

Ha na cidade uma pobre bibliotheca; e um museu em que avultam como primeiras raridades — o chapéo, farda e espada de *Rivera* — a espingarda com que foi morto o general *Lavalle* — as *bólas* com que laçaram a *Paz*, e uma chamada *maquina infernal*, caixa de 16 tiros enviada ao general Rosas, com a intenção de assassinal-o, porém que não disparou na na acasião de ser aberta por D. Manuelita.

A camara dos representantes da republica, é uma especie de theatro, em que o presidente e secretarios occupam o tablado, os deputados a platea, e o povo os camarotes.

Ha nos usos e costumes uma tal analogia entre Buenos-ayres e Montevideo, que o leitor podera avaliar d'aquelles, pelo que fica escripto nos anteriores capitulos a respeito d'estes; assim se livrará do trabalho de lêr uma repetição, evitando-nos a semsaboria de copial-a, e deixando-nos o passo livre para largarmos aquelle ancoradoiro, e seguir-mos, rio abaixo, em cata de novas aventuras.

(Continúa.) *Francisco Maria Bordallo.*

STATISTICA-DRAMATICA.

977 No anno de 1846 tivemos sessenta e nove espectaculos novos nos theatros de Lisboa, o que dá quasi expectaculo e meio por semana ou dezoito espectaculos mais que no anno de 1845.

Estes espectaculos foram assim repartidos:

THEATRO DE SAN'CARLOS.

Cinco operas: *Chi dura vince*, de Ricci (Frederico); *Corrado d'Altamura*, de Ricci (Luiz); *Il due Foscari*, de Verdi; *Paulo e Verginia*, de Aspa; *Leonora*, de Mercadante. — Dois bailes; *As modistas*, e *Emeth*, de Martin.

Total — 7.

THEATRO DE D. MARIA II.

Nove dramas: *O Magriço*, *O poder dos remorsos*, *A Madresilva*, *Miguel-Angelo-Buonarotti*, originaes; *Maria Beaumarchais*, *O Conde Julião*, *Adelaide*, *Os especuladores*, *Luiza Bernard* traduzidos; — Cinco comedias:

Quem tudo quer tudo perde, *Uma noite de Sancto Antonio na praça da Figueira*, *A eleição d'um marido*, originaes. *Os amores d'um fidalgo*, imitada — *A dama horrenda* traduzida — Tres farças: *Os tres beijos*, *O Escoveiro no Lazareto* imitadas — *A sentinella desamparada* traduzida.

Total — 17

THEATRO DA RUA DOS CONDÉS.

Trez dramas: *D. Maria Telles* original: — *Leonor*, *A Cigana de Paris*, traduzidos — Duas comedias: *Innocencia e calumnia* imitada — *O cãosinho da marqueza* traduzida — Uma farça lyrica: *Um bom homem de outro tempo* original.

Total — 6.

THEATRO DO SALITRE.

Onze dramas: *A batalha de Fontenoy*, *A batalha de Pultawa*, *Margarida d'Anjou*, *Paulino ou os Corsos e Genoveses*, *João de Calais*, *O mosteiro abandonado*, *A filha do desterrado*, *A cisterna arruinada*, *O mirante*, *O anjo tutolar*, *O tribunal secreto*, todos traduzidos — Duas comedias: *O segundo anno* e a *Tia Michaela* imitadas — Duas farças: *O casamento projectado*, *O homem das fatalidades*, imitadas.

Total — 15.

THEATRO DO GYMNASIO.

Dez dramas: *Paquita de Veneza*, *O juramento*, *A enjeitada*, *D. Beatriz de Saboia*, *Margarida*, *A moura* originaes — *O mordomo d'Harville*, *Os dois validos*, *O amor maternal*, *Edyth*, traduzidos — Tres comedias: *O engano*, imitada — *O leque*, *Christina*, traduzidas — Dez farças: *O magnetismo*, original — *Apontamentos de duas noivas*, *A certidão de baptismo*, *Os quatro casados*, *A agua furtada dos artistas*, *A familia do boticario*, *A herdeira*, *Os primeiros amores*, imitadas — *A prisão imaginaria*, *Tres ovos n'um cesto*, traduzidas — Um baile: *O amor tudo vence*, do Sr. Marsigliani.

Total — 24.

D'esta analyse resulta que o Theatro de maior actividade foi o de D. Maria II, attendendo a que a companhia que deu as representações n'este Theatro foi a mesma que anteriormente as dera na *rua-dos-Condes*. Depois d'este o do *Gymnasio*, que foi o de maior variedade. Mas o que deu maior número de peças originaes foi tambem o de D. Maria II.

O total das peças originarias representadas em todo o anno, foi de 16; sendo d'estas 11 dramas, 3 comedias, 1 farça lyrica e 1 farça.

BIBLIOGRAPHIA.

AS CINCOENTA RAZÕES DO DUQUE DE BRUNSWICK PARA ABJURAR O PROTESTANTISMO, E ABRAÇAR A RELIGIÃO CATHOLICA ROMANA, COM O ACCRESCIMO DE TRES DOCUMENTOS IMPORTANTES. *Traduzido do inglez*, da edicção de Manchester, de 1802. — Ponta Delgada. Typographia na rua do Provedor. 1844.

978 Esta versão limpa de *inglecismos*, e exornada de notas muito adequadas, foi dedicada ao venerando, e virtuoso Bispo d'Angra, D. Fr. Estevão de Jesus Maria, pelo Reverendo Padre João José d'Amaral, Presbytero Michaelense, e um dos primeiros ornamentos da igreja açoriana.

Havia vinte e cinco annos que dos prélos da Imprensa Nacional sahira outra traducção, porém tão basta de *inglecismos*, e tão cheia de infidelidades, que desagradando ao sabio, e ao orthodoxo, alentou o Reverendo Padre Amaral a forrar algumas horas do trabalhoso magisterio, em que instrue, na cadeira de Philosophia, a mocidade Michaelense, para verter em casta linguagem portugueza — *As cincoenta razões do Duque de Brunswick*. —

Trabalho este, condigno dos sentimentos, e da illustração, que tanto caracteriza o benemerito traductor.

O apostolico Bispo, o *Anjo dos Açores*, que tão vigilante sempre se mostra na pureza da nossa Fé, mandou imprimir, a expensas suas, este util opusculo, que abunda em doutrinas tão sans, quanto irrefragaveis, e seguidas de tres documentos, muito curiosos, dois, escriptos pelo rei Carlos II de Inglaterra, e o terceiro pela Duqueza de York, em St. James, a 20 d'Agosto de 1670.

Ilha de San'Miguel 22 de dezembro de 1846. *B. J. Senna Freitas.*

POISIA.

ODE.

979 Eu tinha pendurado a minha Lyra
Ha muito dos esgalhos de um salgueiro;
E o, que os versos inspira,
Estro co'a adeus saudado derradeiro.

Novos gostos, estudos, vida nova
Seguem os dias da viçosa idade;
Proximo a entrar na cova
Muda o velho o viver da mocidade.

Embotado o subtil, almo talento,
Que os fructos gera da vivaz poesia,
Apenas tenue alento
Lhe resta, e o vê fugir de dia em dia.

É vela, que se vai prompto apagando
Por falta de alimento; ressequida
Folha, que um sopro brando
D'outonal vento põe no chão cahida.

Tal é o estado meu; chegado aos annos
Da languida velhice, outras ideas,
Que frios desenganos,
Da longa idade minha são alheias.

Assim pensava... eis desce prasenteira
Sôbre o regato, que o salgueiro rega,
Aura tenue e ligeira,
Que da Lyra um jucundo som desprega.

Sons tão suaves nunca em dias d'oiro
Da minha mocidade ella os soltára...
Acceito o fausto agoiro,
Que o ceo por me instruir, talvez obrára.

Travo outra vez do Delphico instrumento,
As cordas lhe tenteio; e sons mimosos,
Com melodico accento
Della extrahem meus dedos preguiçosos.

Do amor, e da ambição os desvarios
Sons improprios de um velho são na lyra;
Não assim os macios
Singellos versos, que a virtude inspira.

Nelles da sãa moral lições austeras
A velhice reparte á mocidade,
Faz baixar das espheras
Dictames da celeste, alta verdade.

Não d'outra arte da Grecia os bons cantores,
Hesiodo, Musêo, Orphêo e Lino,
Os humanos errores
Dissiparam com seu cantar divino.

A Divindade honrar, servir contente
A patria, praticar justiça inteira
Com quanto vive e sente,
Eis da virtude a norma verdadeira.

Eis quanto aos meus concidadãos intimo
Nestas de ferro eras lastimosas;
Seguros neste arrimo,
Dias verão correr, e horas ditosas.

Dias verão correr, e horas ditosas,
Com almas sãas, e consciencias puras;
E c'roados de rosas
Voarão depois ás Cellestiaes Alturas.

Por um poeta apozentado.

CORREIO-NACIONAL.

980 No dia 1.° do corrente entrou o vapor *Pacha*, paquete do Norte, com folhas de Londres até 26 e de Paris até 25. Os fundos portuguezes ficavam a 31½. Traz 77 passageiros.

Praça de Lisboa. — Ha falta de compradores aos fundos-publicos, e as transacções feitas são sempre contra notas do Banco-de-Lisboa. A *Folha-commercial* cota assim o preço dos Fundos-publicos e Acções de Companhias: Inscripções e Apolices de 5 %, 48; de 4, 40; Acções do Banco-de-Lisboa, 335$000 réis; das Lezirias, 310$000 réis; dos Omnibus 50$000 réis; das Pescarias, 15$000; dos vapores, 20$000 réis; da União-Commercial, 54$000 réis; da Fiação, 60$000 réis; da Confiança 284$000 réis; das Obras-publicas ⅓ por cento. O desconto das notas foi de 35 por cento. Sôbre estes preços se deverá intender a alta ou baixa, que d'aqui em diante se noticiar.

O beneficio a favor do 'Asylo da mendicidade,' dado no Theatro de San'Carlos em 13 de março último, produziu 444$120 réis de producto liquido para aquelle util estabelecimento.

O govêrno resolveu pôr em arrematação e rendimento das Sette-Casas. Por tres dias foi á praça, e o maior lanço que obteve foi o 700:050$000 réis; parece que offerecido por uma sociedade composta dos Srs. Rio-Tinto, Seixas, Abrantes etc. O govêrno regeitou este lanço, e manda de novo abrir praça amanhan 4 do corrente.

O Banco-de-Portugal n'umas certas contas que tem publicado mensalmente, diz o seguinte em referencia ao mez de julho:

Depositos	695:540$518
Numerario metalico em caixa	142:930$785
Oiro e prata além do ditto numerario	17:292$706

E disse.

Á vista de tal movimento ninguem negará que este estabelecimento está fazendo transacções de summa utilidade para o paiz!..

A Juncta do Credito-publico annuncia que desde 17 de dezembro do anno passado até 30 de julho, teem sido selladas sob a sua inspecção 457,800 notas, importando em 3,831:360$000 réis.

No último de julho existiam na alfandega do Terreiro: 735 moios de farinha, 1,730 de trigo, 638 de cevada, 1,988 de milho, 120 de centeio. Os preços eram: de 10$000 a 10$400 réis por barrica de farinha, 600 a 900 réis por alqueire de trigo, 280 a 360 réis de cevada, 300 a 500 réis de milho, 400 a 500 rêis de centeio.

ANNUNCIO.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

Acha-se á venda no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* a semente d'este prado artificial, o melhor que se conhece, pois produz nos terrenos mais aridos, é de optima nutrição para o gado, e torna productivos ainda os terrenos mais estereis; os quaes finda a colheita do sainfoin, que dura sem nova sementeira por 5 ou 6 annos na terra, produzem depois uma optima colheita de trigo.

As vantagens da cultura do sainfoin vão hoje sendo geralmente conhecidas em Portugal, e d'ellas tem feito especial menção os artigos 749 e 750 do 1.° vol. 813 do 2.° ditto, 2379, 2427, e 3073 do 3.° ditto da nossa Revista.

A semente é ja colhida este anno na quinta da Piedade em San'Quintino, do Sr. Dr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, é muito bem sêcca. Preço de cada alqueire 800 rs.

Desde ja se adverte que havendo como no anno proximo passado, muitas pessoas que a tinham incommendado, e não se sabendo os seus nomes nem a quantidade que cada um pertendia, os 120 alqueires que pouco mais ou menos será a totalidade de que se poderá dispôr, se venderão a quem primeiro os procurar.

Aos compradores se entregará gratis uma instrucção do modo de semear, colher etc., que a Revista ja publicou sob n.° 813, em 1.° do 2.° vol. de 22 de septembro de 1842.